

Contaminação da água ameaça reservatórios de todo o Brasil

Rio — A maioria dos reservatórios de água existentes em todo o País contém uma grande concentração de cianobactérias, entre as quais a microcistina-LR, a mais provável causa da morte, de dezenas de pessoas no Instituto de Doenças Renais de Caruaru, em Pernambuco. O alerta foi feito ontem pela pesquisadora Sandra Feliciano Azevedo, coordenadora do curso de pós-graduação em Química de Produtos Naturais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi ela quem detectou, em Caruaru, a presença da toxina no carvão ativado utilizado na filtragem da água consumida pelos pacientes submetidos à hemodiálise.

“A diferença entre o que aconteceu em Caruaru e o que acontece praticamente em todo o País é que, lá, a toxina ingerida foi diretamente

para a corrente sanguínea, provocando a morte de tantas pessoas”, disse. “Mas não tenho dúvidas de que estamos tomando doses diárias de cianobactérias, e que em termos potenciais estamos submetidos aos mesmos riscos”. De acordo com a pesquisadora, 70% das amostras de água analisadas por ela registraram “concentrações muito altas” de toxinas como a microcistina-LR. “Isso é muito sério”, reforçou.

Filtro — Amanhã, Sandra Azevedo começa a montagem de um filtro no laboratório do Núcleo de Pesquisas em Produtos Naturais da UFRJ para tentar comprovar a hipótese, levantada por ela, de que foi mesmo a microcistina-LR a toxina responsável pelas mortes.

Ela garante que “não existem mais quaisquer dúvidas” de que a

microcistina-LR chegou pelo menos ao carvão usado nos filtros. “Se passou pelo carvão e foi direto para o paciente submetido à hemodiálise, vamos saber a partir de segunda-feira, (amanhã) com os testes em laboratório”.

O teste, relativamente simples, segundo a pesquisadora, consiste na filtragem de água pura, utilizando-se amostras de carvão recolhidas por ela no Instituto de Doenças Renais de Caruaru. “Quer provar que o carvão está liberando a toxina e não apenas armazenando-a”, explicou. “Pelo que vi lá, podia ter passado de tudo pelo carvão”. Os resultados das experiências feitas pela pesquisadora da UFRJ serão confrontados com os exames que estão sendo feitos nos Estados Unidos em amostras de

sangue e fígado das vítimas de Caruaru.

Preocupada em não criar “uma situação de pânico generalizado”, a pesquisadora disse que a sua contribuição na tragédia ocorrida em Caruaru é descobrir por que essas pessoas estão morrendo. “A partir dessa descoberta, quem tem de tomar providências para que essa situação não se repita é o Governo”, alertou. Sandra Azevedo lembrou que há cerca de dois anos, em Évora, Portugal, várias pessoas submetidas a hemodiálise também morreram em circunstâncias idênticas. “As autoridades sanitárias portuguesas tomaram uma série de providências e o problema foi solucionado”, disse. “Espero que tenhamos o bom senso de fazer o mesmo”.